

Ensaio sobre o uso da fotografia como documento

Jakson dos Santos Ribeiro

Doutorando em História Social da
Amazonia pela UFPA
Mestrado em História pela UFMA
Graduado em História pela UEMA
E-mail: jakson.77@hotmail.com

Recebido: 17 out. 2014

Aprovado: 25 nov. 2014

Resumo: O presente trabalho busca discutir a fotografia como fonte histórica para constiuição da análise do historiador. Nesse interím, salientamos que a fotografia como fonte se apresenta em diversas nuances, um aspecto relevante, pois torna-se um terreno fértil para construção de narrativas e as problemáticas propostas não só para o historiador, mas para os pesquisadores que fazem o uso dela fotografia, como fonte.

Palavras-chave: Fotografia. Fonte. Documento.

Abstract: This paper discusses the picture as historical source for the historian's analysis of constiuição. In the meantime, we note that photography as source comes in many different shades, an important aspect, because it becomes a fertile ground for construction of narratives and the problems addressed not only to the historian, but for researchers who are using her picture as a source.

Keywords: Photography. Source. Document.

Resumen: En este trabajo se analiza la imagen como fuente histórica para el análisis del historiador de constiuição. Mientras tanto, observamos que la fotografía como fuente viene en muchos tonos diferentes, un aspecto importante, porque se convierte en un terreno fértil para la construcción de narrativas y los problemas no se abordan sólo para el historiador, pero para los investigadores que están utilizando su foto como fuente.

Palabras Clave: Fotografía. Fuente. Documento.

1 Introdução

Onde o homem passou e deixou
marca de sua vida e inteligencia,
ai esta a História.

Fustel de Coulanges

Acredito que muitas pessoas já ouviram falar ou mesmo já falaram a frase “uma imagem diz mais que mil palavras”. Uma expressão que notifica o poder que a imagem consegue congrega em sua volta para falar sobre os mais diversos aspectos da vida. É forte como a imagem não perde o encantamento e a capacidade de falar e falar diga-se de passagem melhor que usando as palavras. Ela narra com delicadeza e sensibilidade, mistura o som e tom, musicaliza o vento com o mar, mostra o doce e cheiro, mistura o medo e o desejo tudo em um tom de maestria e perfeição. É uma fala que não se demonstra simples e nem tímida, mas uma fala imponente, que diz o que quer dizer, e sabe o que dizer.

Assim, a História não poderia deixar ver na imagem um sentido apreciável de análise, um campo pertinente para estudo e compreensão dos diversos aspectos de outrora, ou mesmo do tempo que faz hoje, que se constrói no agora, logo após cada segundo dito e sentido.

Tarefa do historiador e é abrir as palavras que nos chegam do passado encontrar achadouros de outros possíveis passados, escavando a memória já petrificada, dementando e desmentindo e as verdades estabelecidas sobre os fatos e os feitos, desinventando e desmentindo memórias grandiosas e heróicas, transformando em sucata os heróis da história nacional e regional, estátuas que, uma vez ao vento, seriam como trastes, como qualquer pedaço de camisa nos ventos, pois tudo o que o homem fabrica vira sucata, inclusive seus heróis, e nós teríamos a função social de limpá-los o mundo destes seres e valores e costumes sucateados. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 92)

Nesse ponto, desde que o movimento do Annales¹ configurou novas possibilidades para o fazer historiográfico, as fontes, ou melhor a ideia de fonte, para este fazer também se alargaram, apontando assim uma nova perspectiva do que seja o documento.

Desse modo, o que seja documento e qual o valor deste tornaram-se preocupações que notabilizaram a aproximação da história com outras disciplinas, com também a inserção de novas metodologias para se constituir a história com essas novas fontes e dialogos interdisciplinares. Refletindo sobre esta questão, *Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997, p. 569)* apontam:

Num percurso já relativamente longo, se o quiséssemos tentar, seria preciso referir-nos a múltiplos enfoques: história da arte e desenvolvimentos a partir dela, como a “iconologia” de Erwin Panofsky, sociologia da arte, enfoques marxistas dos objetos visuais, visões psicológicas ou psicanalíticas – para mencionar só algumas das possibilidades.

Por esse vies, caminhamos pelas possibilidades múltiplas que o uso da fotografia pode nos proporcionar e que achamos pertinente perceber nela os elementos de um contexto que são sentidos e significados pelo sujeito, ao que diz respeito as temáticas que o historiador pode analisar através da fotografia, como fonte para suas pesquisas.

O uso das imagens, em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informação ou de oferecer prazer, permitem testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, crença, deleite etc. embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas. (BURKE, 2004, p. 17)

Seguindo nessa esteira de considerações sobre o uso da imagem como fonte de pesquisa para o artesão de Clio, acredito que os questionamentos feitos, por Boris Kossy (2003) sobre o uso da imagem, da fotografia mais especificadamente são perguntas interessantes para se pensar o valor documental, que uma imagem fotografada em um determinado momento, espaço, lugar, pode agregar pistas de entendimentos para que o historiador, e aqui ousou apontar que não apenas o historiador, mas as demais áreas onde se busca compreender ou ao menos chegar próximo sobre um determinado fato em que se está analisando. Nesse caso, as fotografias são evidências que podem ser sinais que servem como apoio para compreensão do que está se buscando compreender e analisar independente do trabalho.

Vale reforçar que a preocupação com a utilização da fotografia como fonte histórica é recente, uma vez que, até há pouco tempo, a fotografia servia mais para ilustração (prova), ou seja, como forma de referendar uma afirmação textual. Sua função estava restrita ao papel de cristalizar a imagem de uma "verdade", já confirmada e subsidiada pelos textos escritos. (ALBUQUERQUE; KLEIN, 1987, p. 299)

Desse modo, Boris Kossoy escreve em seu livro *História e fotografia* (2003) que a fotografia tornou-se um documento em que podemos capturar informações e emoções de uma temporalidade. Nessa via de compreensão, esse autor acena que fotografia é um

[...] intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. Segunda vida perene e imóvel preservando a imagem-miniatura de seu referente: reflexos de existências/ocorrências conservados congelados pelo registro fotográfico. (KOSSOY, 2003, p. 28)

Nesse interim, podemos arrolar que os sentidos que o historiador pode extrair de uma imagem são múltiplos, pois a composição da fotografia envolve elementos diversos. Não é apenas a imagem pela imagem. É necessário que ao analisar essa evidência histórica a leitura que será realizada deve ser para além do que está sendo apresentado na imagem, como exemplo, o fotógrafo, o espaço, o lugar, as pessoas que estão na fotografia, a técnica, o propósito da fotografia entre tantos outros. A imagem na fotografia nos projeta a montar um quebra cabeça de fatos e momentos, pessoas e maneiras de uma temporalidadeⁱⁱ

Mas, usando ainda as considerações de Kossy (2003), o autor chama atenção para o valor que a fotografia como fonte documental. Isso por que o ranço do que seja fonte histórica é algo bem expressivo, pegando pela via de compreensão do que foi entendido como fonte para análise dos fatos, dos acontecimentos. Sobre a luz de análise, o sentido da fonte ainda recai, naquilo que foi escrito e impresso. Por isso que muitos historiadores apontam que, assim como os documentos, a fotografia requer uma criticidade para que sua relevância, enquanto documento histórico possa ser utilizado para entedimento dos momentos dentro da história.

Seguindo esse vies, Bittencourt (1998, p. 199) considera que:

Fotografias apresentam o cenário no qual as atividades diárias, atores sociais e contexto sociocultural são articulados e vividos. Existem estudos sobre os

detalhes tangíveis representados em fotografias que permitem a elucidação de comunicações não verbais tais como um olhar, um sentimento, um sistema de atitudes, assim como mensagens de expressões corporais, faciais, movimentos e significados de relações espaciais entre pessoas e padrões de comportamento através do tempo.

Autora ratifica que a imagem, no nosso caso a fotografia, é um reforço da história visual, que foi documentada em situações diversas, marcando nesses registros estilos de vida, sujeitos e a própria particularidade do contexto.

É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona. Um passado que revela, através do olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. Um sentido individual que envolve a escolha efetivamente realizada; e outro, coletivo, que remete o sujeito a sua época. (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 415)

Por isso que em outro texto Ana Maria Mauad (1996, p. 80) considera que “a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo”. Por esta perspectiva Sandra Pesavento (2003, p. 86) afirma:

As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representações do mundo que constituem o imaginário.

Nesse sentido, podemos arrolar aqui o próprio sentido que se quer atribuir, ou melhor, que se quer dizer, por exemplo, nas imagens de homens em fotografias, pois nessas fotografias podemos capturar o tempo e as concepções do contexto em que esses sujeitos presentes nas fotografias pertencem. Seguindo esta premissa, as fotografias congregam-se como um recorte, um sinal, uma pista, um momento que abre caminhos para que o pesquisador tenha mais possibilidades de compreender o fato, o acontecimento selecionado.

Nessa altura, a fotografia torna-se um apoio ao historiador assim como os demais pesquisadores que se utilizam das imagens, para ver na imagem um mergulho aos momentos do passado registrados na fotografia. Por isso que a significação da

imagem não se limita apenas à realidade, como comprovação desta realidade, mas é também um sistema simbólico que se constitui a partir da intervenção do homem no espaço.

Para Eliade (1996, p. 9):

[...] revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psiquê; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as modalidades mais secretas do ser.

Nesse caminho, a imagem fotográfica é uma marca que delinea em sua composição aspectos que ultrapassam os elementos materiais que as compõem. O seu peso leve contrapõe todos os aspectos históricos e subjetivos nos quais se pode extrair desta fotografia.

A fotografia é uma marca do real. Este é, sem dúvida, o primeiro conceito que devemos ter considerar quando nos propomos a investigar a fotografia como meio de reconstrução do passado. Ela não é uma representação mimética da realidade, mas um indício de alguma coisa. É um fragmento, um recorte no espaço/tempo. (MATOS, 2008, p. 2)

Seguindo nessa perspectiva, a imagem fotográfica por não pertencer ao sistema de signos não verbais, definidos aqui como ausente de linguagem verbal não é possível apontá-los como destituídos de mensagem, pelo contrário como apontamos em outros momentos neste texto. A fotografia e a imagem conseguem comunicar-se e se fazer entender passando a informação que o seu fabricante quer repassar. Nessa ótica, a fotografia pode ajudar na recomposição de cenários, códigos e comportamentos de uma temporalidade.

Por isso, Peter Burke (1989) afirma que as imagens devem ser percebidas pelos historiadores como pontes que nos possibilitam ao acesso ao mundo social nas quais elas estão inseridas. Porque elas são, direta e indiretamente, visões constituídas dos momentos em que foram produzidas.

Corroborando com essa premissa, Laplatine e Trindade (1996) afirmam que a imagem é um produto construído. Ou seja, são construções que, por sua vez, são baseadas por informações e experiências dos sujeitos em seu contexto. Produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de

natureza perceptiva. “Assim, a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta que nós sabemos sobre esse objeto externo” (LAPLANTINE; TRINDADE, 1996, p. 11).

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história**. Bauru-SP: Edusc, 2007.

ALBUQUERQUE Marli Brito M.; KLEIN Lisabel Espellet. Pensando a fotografia como fonte histórica. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, 03(3); p. 297-305, jul/set, 1987.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In. FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Mirian L. Moreira (Orgs.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos *Annales* 1929-1989**. Trad. Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

_____. **Testemunha ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro. Campus, 1997.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MATOS, Juscelina Bárbara Anjos. **Fotografia e história: em estudo da moda em Vitória da Conquista nos anos de 1950**. IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (IV ENCULT), 2008, p. 02. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14376.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2014.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

_____. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do museu paulista**. São Paulo: Editora do Museu Paulista, v. 13, n. 1, p. 133-174, 2005.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

-
- ⁱ A revista, que tem hoje mais de 60 anos, foi fundada para promover uma nova espécie de história e continua, ainda hoje, a encorajar inovações. As ideias diretrizes da revista, que criou e excitou entusiasmo em muitos leitores, na França e no exterior, podem ser sumariadas brevemente. Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras. (BURKE, 1991, p. 8)
- ⁱⁱ Desde a sua descoberta até os dias de hoje, a fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo, registrando sua história numa linguagem de imagens. Uma história múltipla, constituída por grandes e pequenos eventos, por personalidades mundiais e gente anônima, por lugares distantes e exóticos e pela intimidade doméstica, pelas sensibilidades coletivas e ideologias oficiais. No entanto, a fotografia lança ao historiador um desafio: como chegar ao que não foi imediatamente revelado pelo olhar fotográfico? Como ultrapassar a superfície da mensagem fotográfica e, do mesmo modo que Alice nos espelhos, ver através da imagem? (MAUAD, 2005, p. 136-137).